

Biblioteca Anarquista



A Ideologia de Vitimização

Feral Faun

Feral Faun
A Ideologia de Vitimização
Primavera de 1992

Disponível em theanarchistlibrary.org

A aprovação desse texto provocou uma discussão na equipe de moderação. Decidimos aprovar a publicação por uma questão de registro histórico, e não porque concordamos com o texto. Este texto apareceu pela primeira vez no número 32 de “Anarchy: A Journal Of Desire Armed”, primavera de 1992, e novamente no número 55 de “Anarchy”, primavera/verão de 2003. Republicado por Elephant Editions (Londres) 2000/2001 na coleção “Feral Revolution”. Reimpresso no panfleto “The Iconoclast’s Hammer” por Venomous Butterfly Publications. Reconhecemos o conflito entre este texto e o anarco-feminismo e recomendamos criticidade ao ler. Versão pt-BR.

bibliotecaanarquista.org

Primavera de 1992

Em Nova Orleans, próximo ao French Quarter, há uma pequena pichação gravada em uma cerca que diz: “Homens estupram”. Eu costumava passar por aqui quase todos os dias. A primeira vez que vi isso, me irritou porque eu sabia que a pessoa que grafitou me definiria como um ‘homem’ e eu nunca desejei estuprar ninguém. Nem nenhum dos meus amigos com pênis. Mas, à medida que encontrava esse dogma pintado com spray todos os dias, os motivos de minha raiva mudavam. Eu reconheci este dogma como uma ladainha para a versão feminista da ideologia da vitimização – uma ideologia que promove o medo, a fraqueza individual (e subsequentemente a dependência de grupos de apoio com base ideológica e proteção paternalista das autoridades) e uma cegueira para todas as realidades e interpretações de experiência que não condizem com a visão de si mesmo como vítima.

Não nego que haja alguma realidade por trás da ideologia da vitimização. Nenhuma ideologia poderia funcionar se não tivesse qualquer base na realidade. Como Bob Black disse: “Somos todos filhos adultos de pais”. Todos nós passamos nossas vidas inteiras em uma sociedade que se baseia na repressão e exploração de nossos desejos, nossas paixões e nossa individualidade, mas é certamente absurdo abraçar a derrota definindo-nos em termos de nossa vitimização.

Como meio de controle social, as instituições sociais reforçam o sentimento de vitimização em cada um de nós, ao mesmo tempo que focalizam esses sentimentos em direções que reforçam a dependência das instituições sociais. A mídia nos bombardeia com contos de crime, corrupção política e corporativa, conflitos raciais e de gênero, escassez e guerra. Embora esses contos muitas vezes tenham uma base na realidade, eles são apresentados com bastante clareza para reforçar o medo. Mas muitos de nós duvidamos da mídia e, portanto, somos servidos de uma série de ideologias “radicais” – todas contendo um grão de percepção real, mas todas cegas para tudo o que não se encaixa em sua estrutura ideológica. Cada uma dessas ideologias reforça a ideologia da vitimização e concentra a energia dos indivíduos longe de um exame da sociedade em sua totalidade e de seu papel em reproduzi-la. Tanto a mídia quanto todas as versões do radicalismo ideológico reforçam a ideia de que somos vitimados por aquilo que está ‘fora’, pelo Outro e estruturas sociais – a família, os policiais, a lei, grupos de terapia e apoio, educação, ‘organizações radicais’ ou qualquer outra coisa que possa reforçar um senso de dependência – existem para nos proteger. Se a sociedade não produzisse esses mecanismos

– incluindo as estruturas de oposição parcial, ideológica e falsa – para se proteger, poderíamos apenas examinar a sociedade em sua totalidade e vir a reconhecer sua dependência de nossa atividade para reproduzi-la. Então, a cada chance que temos, podemos recusar nossos papéis de dependentes / vítimas da sociedade. Mas as emoções, atitudes e modos de pensamento evocados pela ideologia da vitimização tornam essa inversão de perspectiva muito difícil.

Ao aceitar a ideologia da vitimização em qualquer forma, escolhemos viver com medo. A pessoa que pintou o grafite “Homens estupram” era provavelmente uma feminista, uma mulher que viu seu ato como um desafio radical à opressão patriarcal. Mas tais proclamações, na verdade, apenas aumentam um clima de medo que já existe. Em vez de dar às mulheres, como indivíduos, um sentimento de força, reforça a ideia de que as mulheres são essencialmente vítimas, e as mulheres que leem esse grafite, mesmo que rejeitem conscientemente o dogma por trás dele, provavelmente andam nas ruas com mais medo. A ideologia de vitimização que permeia tanto o discurso feminista também pode ser encontrada de alguma forma na libertação gay, libertação racial / nacional, guerra de classes e quase todas as outras ideologias “radicais”. O medo de uma ameaça real, imediata e prontamente identificada a um indivíduo pode motivar uma ação inteligente para erradicar a ameaça, mas o medo criado pela ideologia da vitimização é um medo de forças muito grandes e abstratas para o indivíduo lidar. Acaba se tornando um clima de medo, desconfiança e paranoia que faz com que as mediações que constituem a rede do controle social pareçam necessárias e até boas.

É esse clima aparentemente opressor de medo que cria a sensação de fraqueza, a sensação de vitimização essencial, nos indivíduos. Embora seja verdade que vários “liberacionistas” ideológicos frequentemente vociferam com fúria militante, raramente vai além do ponto de realmente ameaçar alguma coisa. Em vez disso, eles “exigem” (leia-se “implorando militantemente”) que aqueles que definem como seus opressores lhes concedam sua “libertação”. Um exemplo disso ocorreu no encontro anarquista “Sem Fronteiras” de 1989 em São Francisco. Não há dúvida de que na maioria dos workshops que participei, os homens tendiam a falar mais do que as mulheres. Mas ninguém estava impedindo as mulheres de falar, e eu não percebi nenhuma falta de respeito pelas mulheres que falavam. No entanto, no microfone público no pátio do prédio onde o encontro foi realizado, um discurso foi feito no qual proclamava que “homens” estavam

dominando as discussões e impedindo que “mulheres” falassem. O orador “exigia” (novamente, leia “implorou militantemente”) que os homens se certificassem de dar às mulheres espaço para falar. Em outras palavras, para garantir os “direitos” dos oprimidos – uma atitude que, por implicação, aceita o papel do homem como opressor e da mulher como vítima. Houve workshops em que certos indivíduos dominaram as discussões, mas uma pessoa que está agindo com a força de sua individualidade lidará com tal situação confrontando-a imediatamente conforme ela ocorrer e lidará com as pessoas envolvidas como indivíduos. A necessidade de colocar tais situações em um contexto ideológico e de alugar os indivíduos envolvidos como papéis sociais, transformando a experiência real e imediata em categorias abstratas é um sinal de que se escolheu ser fraco, ser uma vítima. E abraçar a fraqueza coloca a pessoa na posição absurda de ter que implorar ao opressor para conceder a sua libertação – garantindo que ela nunca será livre para ser outra coisa que não uma vítima.

Como todas as ideologias, as variedades da ideologia da vitimização são formas de consciência falsa. Aceitar o papel social de vítima – em qualquer uma de suas muitas formas – é escolher nem mesmo criar uma vida para si mesmo ou explorar suas relações reais com as estruturas sociais. Todos os movimentos de libertação parcial – feminismo, libertação gay, libertação racial, movimentos de trabalhadores e assim por diante – definem os indivíduos em termos de seus papéis sociais. Por isso, esses movimentos não só não incluem uma inversão de perspectivas que rompe os papéis sociais e permite que os indivíduos criem uma práxis construída sobre suas próprias paixões e desejos; eles realmente funcionam contra essa reversão de perspectiva. A ‘libertação’ de um papel social ao qual o indivíduo permanece sujeito. Mas a essência desses papéis sociais dentro da estrutura dessas ideologias de “libertação” é a vitimização. Portanto, as ladainhas de injustiças sofridas devem ser cantadas continuamente para garantir que as “vítimas” nunca se esqueçam que é o que são. Esses movimentos de libertação “radicais” ajudam a garantir que o clima de medo nunca desapareça e que os indivíduos continuem a se ver fracos e a ver sua força como estando nos papéis sociais que são, de fato, a fonte de sua vitimização. Dessa forma, esses movimentos e ideologias agem para prevenir a possibilidade de uma revolta potente contra toda autoridade e todos os papéis sociais.

A verdadeira revolta nunca é segura. Aqueles que optam por se definir em termos de seu papel de vítima não se atrevem a tentar a revolta total,

pois isso ameaçaria a segurança de seus papéis. Mas, como disse Nietzsche: “O segredo da maior fecundidade e do maior gozo da existência é viver perigosamente!” Apenas uma rejeição consciente da ideologia da vitimização, uma recusa em viver com medo e fraqueza e uma aceitação da força de nossas próprias paixões e desejos, de nós mesmos como indivíduos que são maiores e, portanto, capazes de viver além de tudo social papéis, pode fornecer uma base para a rebelião total contra a sociedade. Tal rebelião é certamente alimentada, em parte, pela raiva, mas não a raiva estridente, ressentida e frustrada da vítima que motiva feministas, liberacionistas raciais, liberacionistas gays e outros a “exigir” seus “direitos” das autoridades. Pelo contrário, é a fúria de nossos desejos desencadeados, o retorno do reprimido com força total e sem disfarces. Mas, mais essencialmente, a revolta total é alimentada por um espírito de jogo livre e de alegria na aventura – por um desejo de explorar todas as possibilidades de vida intensa que a sociedade tenta nos negar. Para todos nós que queremos viver plenamente e sem restrições, já passou o tempo em que podemos tolerar viver como ratos tímidos dentro das paredes. Cada forma de ideologia de vitimização nos leva a viver como ratos tímidos. Em vez disso, sejamos monstros enlouquecidos e risonhos, derrubando alegremente as paredes da sociedade e criando vidas de maravilha e espanto para nós mesmos.